

Cenas da Vivência Religiosa em Pernambuco Colonial(1593/1808)

Douglas Batista de Moraes¹ - FAINTVISA

douglas_moraes74@yahoo.com.br

Primeiro ato: o contexto.

O catolicismo, nos primeiros séculos de formação da sociedade brasileira, assumiu um caráter obrigatório. Viver na América portuguesa sem pertencer à religião Católica era uma tarefa das mais difíceis, o indivíduo deveria no mínimo demonstrar um certo respeito pelo credo romanoⁱ Na concepção de Hoornaert, a vida cristã do povo passava por dois caminhos: aquele ligado ao grupo dos organizadores, ou seja, o do clero propriamente dito, e o outro, junto aqueles que viviam o cristianismo concretamente, o povo.ⁱⁱ

O comportamento do clero diante da população deveria refletir uma cultura de salvação que chegava para subjugar outra, considerada periférica e pagã. O processo de evangelização no Brasil foi pautado por esta visão maniqueísta de civilização e fé, validada no Concílio de Trento, admitindo a diferença entre uma elite esclarecida representada pelos pensadores da Igreja e uma massa "ignorante" como os plebeus, ainda de acordo com Hoornaertⁱⁱⁱ.

No entanto, o povo tinha uma postura diferente dos organizadores, que manipulavam as cenas da vida: Batismo, Missa, Igreja, Santos, Festas, Santuários, símbolos dos mais diversos. O Bem Viver neste período era condicionado aos ditames da Igreja, mas o povo dava vida a esta trama, que obedecia a outro ritmo que não era aquele que o clero pretendia implantar, a população dava seus significados aos símbolos que a instituição conservava, criando um cotidiano mais profano.

O Tribunal do Santo Ofício teve grande participação na manutenção da ordem social nas terras portuguesas de além-mar. A Inquisição foi um dos

¹ Mestre em História pela UFPE. Professor da FAINTVISA(Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão.)

instrumentos usados pela Coroa portuguesa para manter os colonos nas "rédeas" da Sé romana. De uma certa maneira, ela ajudou a formar a consciência católica no Brasil, deixando passar a impressão que todos os católicos seguiam fielmente as deliberações eclesiásticas. O catolicismo é o "cimento" que une a nação, o "laço" que prende a todos, o lugar da confraternização entre as raças das mais diversas^{iv}.

Ao medo provocado pelas visitas da Inquisição instauradas em algumas localidades da Colônia, os brasileiros reagiram, inovando a celebração da "Santa Religião Católica", criando um catolicismo ostensivo, evidente aos olhos de todos, praticado em lugares públicos, cheio de invocações ortodoxas a Deus, a Nossa Senhora e aos Santos. A partir daí, nasceu todo o formalismo do catolicismo brasileiro, que o Santo Ofício relevou muito em alguns casos, devido a sua forma de pratica-lo, que fugia ao moldes da Igreja européia.^v

O primeiro período colonial brasileiro foi marcado por um Episcopado inexpressivo, que sofreu com a falta de Bispos para ocuparem seus cargos e exercerem suas funções, com uma imensa extensão territorial, uma realidade complexa e uma cultura local completamente diferente de tudo esses clérigos conheciam. Sua influência neste período foi mínima. Além dessas dificuldades para implementar seu trabalho evangelizador, havia a dependência do Padroado Régio, que se efetivava através da Mesa da Consciência e Ordens como já foi dito.^{vi}

O distanciamento do povo pela Igreja oficial favoreceu o surgimento de inúmeras formas de expressar a religiosidade de alguns grupos, dentro do quadro das fórmulas católicas. Os cultos africanos sobreviveram à repressão graças aos artifícios dos funcionários coloniais, que tratando as religiões africanas como folclore, ajudavam a manter as visitas do Santo Ofício longe. Mas, isso não pode ser entendido como o abandono da luta da Coroa

portuguesa contra esse tipo de manifestação religiosa, em tudo divergente dos ditames da religião oficial.^{vii}.

Todos esses condicionamentos, de alguma forma, explicam atitudes do Episcopado no começo da colonização do Brasil. As vacâncias tornaram-se comuns nas Paróquias, Prelazias, Bispados e Arcebispados, o que se devia em grande parte ao próprio status de funcionário público imposto ao clero na colônia, embora, isso não tivesse qualquer relação com a administração do culto, interferia nele, uma vez que estes cargos permaneceram abandonados por longos períodos. Em outros casos, os padres eram esquecidos pela Coroa, passando muito tempo sem receber suas cômputas, ou ordenados, que deveriam ser pagos pelas redízimas - retorno do dízimo cobrado pela Coroa-, que deveriam ser repassadas às paróquias para sua sobrevivência.

As redízimas eram muitas vezes desviadas para fazer em face de outras despesas da Fazenda régia, o que obrigava os religiosos a usarem expedientes pouco convencionais, inclusive atuando como comerciantes para garantir o sustento de sua paróquia e o seu próprio.^{viii}.

O catolicismo no Brasil colonial não perdeu a sua originalidade e continuou bem estabelecido na vida pública graças às irmandades, modelo associativo de fiéis surgido e difundido no contexto da reforma tridentina, cujos objetivos, tais como: a valorização da religiosidade laica, a difusão do culto aos santos e os esforços missionários destinados a assegurar a perenidade da evangelização das populações mais distantes, possibilitaram a ereção de várias dessas associações no solo colonial.

As Irmandades e Confrarias formadas por leigos no Brasil, além de promoverem o culto a seus patronos celestes, tinham outras atribuições como prover de assistência os seus integrantes, intervindo também no âmbito econômico para auxiliar suas famílias a livrarem-se da miséria, a exemplo daquelas com invocação a Nossa Senhora do Rosário, a mais popular devoção

negra do período colonial. Outras, como a do Santíssimo Sacramento que promoviam o culto à eucaristia nas paróquias, na maioria das vezes formadas por elementos das elites locais não tinham caráter assistencialista, ambas, entretanto, ajudaram consideravelmente nessa questão da manutenção da fé romana.

Organizações muito fortes e influentes no Brasil colonial, também formada por leigos, foram as Santas Casa de Misericórdia, difundidas por todo o território da Colônia, foram as responsáveis pela construção e direção de hospitais e por diversos serviços de assistência social prestados à população,^{ix} cujos membros gozavam de considerável prestígio social.

Pode-se dizer que as paróquias e esses novos modelos de associação religiosa surgida na Colônia, proveram a sociedade brasileira de espaços concretos onde suprir suas necessidades de emprego, dinheiro emprestado, garantia de uma sepultura, dotes de casamento para filhas, remédios para os doentes etc, preenchendo as lacunas que o Estado português deixou em aberto.^x

Como por demais sabido, a motivação religiosa impressa no projeto colonizador, não eliminava os interesses econômicos de exploração das novas terras, mas, não se pode também deixar de considerar que a cristianização do novo mundo foi parte relevante desse projeto dos portugueses, que vincou profundamente a vida do colono brasileiro, influenciando no seu cotidiano, onde as preces e orações a Deus ocupavam grande parte dele.^{xi}

O passaporte para entrar na colônia era de caráter religioso, somente os católicos tinham acesso. Os padres que demonstrassem desejo de trabalhar em terras brasileiras eram cuidadosamente investigados, nenhum religioso poderia deixar Portugal sem a devida permissão do rei, concedida apenas depois de uma entrevista pessoal e de um juramento de lealdade.

Todo esse processo fez parte do desenvolvimento de uma sociedade cristã no Brasil, mas é importante reconhecer que Portugal enfrentou alguns problemas ao assumir um empreendimento como a colonização da América^{xii}.

Desses problemas sobressaem-se às lutas pela preservação dos territórios conquistados e a manutenção do domínio sobre eles contra inimigos presente, tanto interna como externamente, com os quais o Brasil Católico teve de lutar. Na área externa encontramos países como a França, a Holanda, a Inglaterra, que competiam com Portugal pela hegemonia do Atlântico Sul.

A difusão do ideal do cristianismo católico português ajudou a arregimentar adeptos para essas lutas, criando rivalidades entre grupos cristãos, difundindo-se a política portuguesa, católica ortodoxa e apostólica em detrimento dos desígnios dos concorrentes, considerados hereges, depravados e impuros, por professarem o Protestantismo.

Como já dissemos, aos objetivos materiais da colonização se juntava à fé como um elemento presente na empresa ultramarina, mas, a colonização também acontecia. As caravelas portuguesas também eram de Deus e nelas navegaram juntos missionários e soldados, havendo pelo menos um ponto em comum entre eles, levar ao gentio o lume da Igreja Católica.

Não se pode negar que os portugueses acreditavam que o descobrimento do Brasil, fosse uma obra inspirada por Deus. E "que entre os demais povos Deus escolheu os portugueses" para realizar essa divina missão. Como novos senhores da terra, deveriam produzir novas riquezas materiais e espirituais, resgatando almas. Esse era o objetivo formal da conquista e sua justificativa ideológica.^{xiii}.

Segundo ato: a vida.

Os católicos portugueses passaram a encarar a colônia como Purgatório, viver no Brasil significava uma chance da correção de um desvio, o arrependimento do pecado cometido. Uma vez descoberto, o mundo colonial catalisava o próprio acesso ao Purgatório. O novo mundo era o inferno, lugar aonde o bom cristão só chegaria por algum desvio muito grave em sua conduta. Os habitantes da América portuguesa causavam um verdadeiro horror nos portugueses por sua condição humana diferente, selvagem”, “demoníaca”. A catequese era o veículo da função salvacionista, mas caso se mostrasse insuficiente, os nativos ameríndios deveriam ser afastados do lugar onde o pecado estivesse^{xiv}.

Toda a organização do sistema católico recebeu um novo significado dentro desta ideologia. Batismo passou a ser uma "redenção do cativo" do pecado e ao mesmo tempo sinal de cativo social e corporal. A missa era um instrumento de "confraternização" entre brancos e índios. Houve realmente uma nova interpretação da tradição cristã, pela realidade da colonização. Esse tipo de estrutura não possibilitava nenhuma comunicação com a religião vivida pelo povo com suas aspirações de libertação^{xv}.

Na colônia–Purgatório–, portugueses cristãos se viam às voltas com a escravidão, que teve na Igreja a formuladora de uma justificativa para esse sistema. Para os brancos, o sistema conferia múltiplas possibilidades. A camada economicamente dominante dava as cartas no sistema colonial, estabelecia a ligação entre a colônia–inferno e a Metrópole–céu. O degredo para colônia foi o mecanismo que os portugueses usaram para purgar seus pecados.

A purgação na colônia atenuava as faltas religiosas conforme avançava o processo de colonização, quanto maior a harmonia entre a atividade desenvolvida e o interesse metropolitano, mas rápida seria a purgação. O céu

do colono branco era o regresso à Metrópole, o do africano era a salvação pela fé. No sistema colonial, negros viveriam sempre no inferno e o branco em purgatório. Na vigência do estatuto colonial, o Purgatório de ambos poderia se transformar em inferno.

A cristandade no Brasil tinha como característica principal à mestiçagem, diferente de Roma, e viveu no eterno conflito representado pelo convívio entre princípios cristãos de fraternidade com a realidade da escravidão, expressão maior do sistema colonial.

Mesmo na Europa, as normas de Trento demoraram a estabelecer a uniformidade entre as paróquias e os fiéis. O cristianismo vivido pelo povo caracteriza-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa^{xvi}.

O dia-a-dia da colônia brasileira se mostrava cheio de demônios, em contrapartida, o universo econômico era freqüentemente associado a elementos divinos. A colônia aparecia como se fosse um lugar de passagem, a princípio de purgar os pecados cometidos aqui ou na Metrópole. O catolicismo de origem européia, continuava a se mesclar na colônia, de paganismo e de imperfeição, elementos estranhos a sua origem, multifacetada.

O catolicismo popular é considerado a cultura mais original e mais rica produzida no Brasil colonial, nos seus trezentos anos de história. A religião foi uma só em todo território brasileiro e constituiu junto com a língua portuguesa, o elo da unidade de povos tão diferentes numa extensa porção de terra.

O pobre vivia numa situação ambígua e tinha consciência desse problema mas esta consciência vivia abafada sob a ação de uma "sabedoria" que se configurava num conformismo e em uma paciência fatalista.

Notas

ⁱ HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro-1550-1800*. 2ª. edição. Rio de Janeiro. Editora vozes . 1978 .P. 13

ⁱⁱ Idem. Op. cit. p. 13

ⁱⁱⁱ HOONAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil. Primeira Época. Tomo II/ I* Editora Vozes, 4ª. edição. Petrópolis.P. 274

^{iv} HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro-1550-1800*. Op. Cit.P. 14

^v Idem. Op. Cit.P. 16-17

^{vi} HOONAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil. V-1*. Op. Cit.P. 277

^{vii} HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro. 1550-1800*. Op. Cit.P.17

^{viii} HOONAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil. V.-1* . Op. Cit.P. 278

^{ix} Diversamente das demais associações religiosas formadas por leigos, as Misericórdias estendiam seus serviços de assistência social a toda a população, não se restringindo apenas aos seus irmãos”.

^x HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro. 1550-1800*. Op. Cit.P. 18

^{xi} SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo. Companhia das Letras. 1989..P. 33

^{xii} HOORNAERT, Eduardo. *A Igreja Católica no Brasil Colonial. In BETHELL, Leslie(org). História da América Latina: A América Latina Colonial-I* 2ª. edição. São Paulo: universidade de São Paulo; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. 1998.. Pp. 564

^{xiii} SOUSA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*.. Op. Cit.P. 35

^{xiv} Idem.Op. Cit.P. 77

^{xv} HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro. 1550-1800*. Op. Cit.Pp.33-36

^{xvi} SOUSA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Op. Cit.Pp. 90-91